

PREVALÊNCIA E USO POPULAR DE PLANTAS MEDICINAIS EM ANIMAIS

MARCELLE BATISTA¹; GABRIELA DE ALBUQUERQUE²; KARINA GUTERRES³; LUIZ FILIPE DAME SCHUCH⁴; CLAUDIA GIORDANI⁵; MARLETE BRUM CLEFF⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – marcelle.batista@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – gabialbuquerque@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – guteres.karina@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - bitoxu@ig.com.br

⁵Universidade Federal de Pelotas – claarte@hotmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – emebrum@bol.com.br

1. INTRODUÇÃO

A busca por plantas para uso medicinal é tão antiga quanto a humanidade, sendo descrito o uso em pinturas nas cavernas, obras originadas na China e antigo Egito (MACIEL et al., 2002).

Apesar do grande desenvolvimento da farmacologia alopática, o uso de plantas medicinais com fins terapêuticos ainda é comum, principalmente entre a população de baixo poder aquisitivo. Nestas populações a tradição cultural ainda permanece, e os problemas de acesso à saúde dificultam o uso de tratamento alopático, especialmente pelo custo, incentivando desta forma, pesquisas científicas em busca de opções nessa área (TÔRRES et al., 2009). Porém, apesar do Brasil ser o país com maior biodiversidade, e estar ocorrendo um crescimento de pesquisas sobre a avaliação do potencial terapêutico das plantas, ainda há escassez de estudos sobre a grande maioria das espécies (FRANCISCO, 2010).

Diversas partes das plantas são utilizadas com a finalidade terapêutica na medicina popular, como as raízes, caules, ramos, folhas, flores, sementes, frutos, resina, látex e o óleo essencial (YAMAGUCHI et al., 2012). O modo de preparo das plantas medicinais varia de acordo com a enfermidade ou a planta utilizada, sendo as principais formas utilizadas a decoção, infusão, maceração, suco, xaropes, pós, unguentos, compressas, inalações, cataplasma, tintura, óleo, banho e gargarejos (MARTINS et al. 2000).

Na Medicina Veterinária, o emprego de plantas medicinais ao longo dos anos vem crescendo, tanto no tratamento de enfermidades como de forma preventiva, a exemplo do que já vem ocorrendo na medicina humana, onde as plantas medicinais tem sido utilizadas frequentemente. Na maioria dos casos, as plantas ainda são utilizadas nos animais de modo empírico, através de conhecimentos do uso popular pelos proprietários, informações de livros, de amigos e familiares. Entretanto, também estão crescendo os números de indicações desse tipo de tratamento pelos médicos veterinários em seus consultórios e clínicas particulares (AGRA et al., 2007, NOGUEIRA, 2010).

O objetivo deste trabalho foi realizar um levantamento das plantas de uso medicinal utilizadas na medicina veterinária e reunir informações relevantes sobre as diversas formas de uso nos animais.

2. METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido em Pelotas-RS no período de 2011 a 2012, através de entrevistas realizadas na comunidade que é atendida em um ambulatório clínico de pequenos e grandes animais. Sendo este ambulatório

localizado em uma comunidade de vulnerabilidade sócio-econômica e que está vinculado ao Hospital de Clínicas Veterinária da Universidade Federal de Pelotas (HCV-UFPEl).

Realizaram-se entrevistas com as pessoas da comunidade, com consentimento das mesmas, onde foi investigado o número de animais nas residências, conhecimento a respeito de plantas medicinais, forma de aquisição e utilização no tratamento de pessoas e animais, além de questionamentos a cerca dos resultados após o uso e da origem do conhecimento sobre a medicina popular.

Após coleta dos dados, foram realizadas visitas na comunidade, juntamente com a assistente social, para fotografar e coletar amostras das plantas, com consentimento dos moradores.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistadas 111 pessoas, onde obteve-se 73 plantas listadas, principalmente das famílias Asteraceae e Lamiaceae, conhecidas ou utilizadas como medicinais pela população do estudo. Estas plantas foram citadas para uso próprio e também para uso em animais. Estes achados concordam com SEVERIANO et al. (2010) que descrevem a predominância do cultivo das espécies destas famílias. As plantas foram relatadas pelos entrevistados através de seu nome popular, sendo que a mesma planta foi referida com diferentes formas de utilização e indicação, sendo as dez plantas mais citadas Cidreira 12,82%, Macela 12,1%, Boldo 11,35%, Malva 11%, Tansagem 10,25%, Guaco 10,25%, Erva-doce 9,15%, Palminha 9,15%, Camomila 7,32% e Funcho 6,6%.

Na comunidade a parte mais utilizada das plantas eram as folhas, que foram citadas por 82,1% dos entrevistados, concordando com levantamento feito por SEVIGNANI & JACOMASSI (2003), o que segundo os autores é resultado da facilidade e disponibilidade de coleta, e uma boa prática na preservação das espécies (CASTELLUCCI et al., 2000; JACOBY et al., 2002).

Através das entrevistas contactou-se que a utilização das plantas era principalmente para terapêutica de sintomas gastrointestinais, incluindo doenças hepáticas, seguido por uso em sintomas de gripe, dores localizadas, como dores musculó-articulares e feridas. Sendo citadas a infusão e o decocto como as principais formas de preparação das plantas para o uso.

Em relação ao uso das plantas para tratamento, foi relatada melhora em 94% dos casos, utilizadas como terapia única, com apenas 6% de reações adversas e ineficácia do tratamento.

Em relação à utilização das plantas para tratamento, há um baixo número que utilizam para os animais de companhia, conforme podemos observar na figura 1.

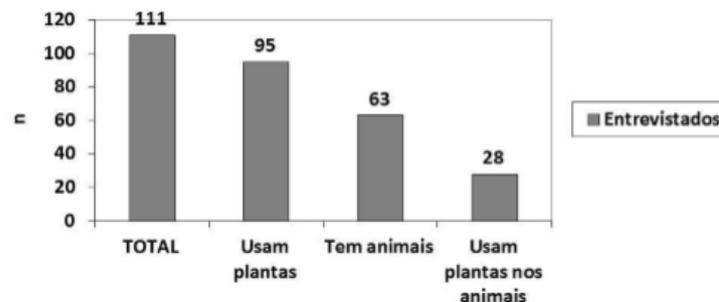


Figura 1. Distribuição das pessoas entrevistadas quanto a utilização das plantas em pessoas e em animais.

Porém, apesar da citação de uso de algumas plantas nos animais, atualmente a utilização e os estudos com plantas medicinais na veterinária, em algumas espécies, ainda são escassos, mas vem ganhando espaço, principalmente pelo incentivo ao resgate do saber popular (MARINHO et al., 2007). Em relação ao processo de formação do médico veterinário no meio acadêmico, o conhecimento sobre o uso de plantas medicinais para tratamento de animais é mínimo, e no que tange a utilização destas na prática clínica, é extremamente baixa (ALMEIDA; FREITAS, 2006). Certas práticas com fitoterápicos na zona rural, onde estão grande parte dos detentores de conhecimentos sobre plantas são, muitas vezes, abandonadas pela falta do incentivo de utilizá-las (SCHUCH, 2007).

Esses dados evidenciam que a utilização de plantas medicinais em seres humanos é bem difundida, comparado a utilização em animais que ainda é limitada, o que concorda com CRUCES et al., (2013). Esse fato pode estar relacionado a falta de conhecimento de plantas que podem ou não serem utilizadas em animais, sendo de grande importância o desenvolvimento desse tipo de informação na graduação do curso de Medicina Veterinária.

Porém, esses dados divergem de MARINHO et al., (2007) que constatou que 100% dos entrevistados não só utilizavam plantas medicinais na terapêutica dos animais domésticos, como também aceitariam esta forma de tratamento como prescrição do médico veterinário.

Das pessoas que usam as plantas como forma terapêutica, a aquisição do conhecimento foi por intermédio da família (pais e avós) em 85% (n=81) dos casos e por intermédio de revistas, reportagens e livros 15% (n=14). Estas formas de aquisição do conhecimento sobre as espécies medicinais também foi observada em estudo de LOPES et al. (2012), porém neste estudo nota-se que a informação do conhecimento foi cerca de 70% transmitido pelos pais e apenas 25% pelos avós.

Com relação à distribuição das plantas, 67 residências da população entrevistada tinham plantas, tendo um número médio de 4,4 espécies por residência, e destas, 98,5% mantinham as plantas no quintal faziam uso para tratamento. Além disso, das outras 44 moradias que não tinham plantas em casa, 38,6% adquiria as plantas de outras formas.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se que existem diversas espécies medicinais distribuídas na região do estudo, e que o uso de plantas medicinais na terapêutica humana é de grande aceitação nessa comunidade, porém ainda é escassa a utilização nos animais. As plantas representam uma alternativa de tratamento viável, segura, de fácil obtenção e baixo custo, desde que se obtenha resultados científicos relacionados a sua eficiência e toxicidade. Da mesma forma, o saber e as práticas tradicionais são enraizadas profundamente na cultura dos membros mais velhos da família, o que demonstra a importância de resgatar os conhecimentos destas pessoas para que estas informações não se percam.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRA, M.F.; BARACHO, G.S.; NURIT, K.; BASÍLIO, I.J.L.D.; COELHO, V.P.M. *Medicinal and poisonous diversity of the flora of "Cariri Paraibano", Brazil. Journal of Ethnopharmacology*, v. 111, n. 2, p. 383-395, 2007.

- ALMEIDA, K.S.; FREITAS, F.L.C. *Etnoveterinária: A fitoterapia na visão do futuro profissional veterinário*. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, v.1, n.1, p.67-74, 2006.
- CASTELLUCCI, S.; LIMA, M.I.S.; NORDI, N.; MARQUES, J.G.W. *Plantas medicinais relatadas pela comunidade residente na Estação Ecológica de Jataí, município de Luís Antonio - SP; uma abordagem etno-botânica*. **Revista Brasileira Plantas Medicinais** v.3, n.1, p.51-60, 2000.
- CRUCES, I.L; PATELLI, T.H.C; TASHIMA, C.M.; MELLO-PEIXOTO, E.C.T. *Plantas medicinais no controle de urolitíase*. **Revista Brasileira Plantas Medicinais, Campinas**, v.15, n.4, supl.I, p.780-788, 2013.
- FRANCISCO, K.S.F. *Fitoterapia: Uma opção para o tratamento odontológico*. **Revista Saúde**, v.4, n.1, p.18-24, 2010.
- JACOBY, C.; COLTRO, E.M.; SLOMA, D.C.; MÜLLER, J.; DIAS, L.A.; LUFT, M.; BERUSKI, P. *Plantas medicinais utilizadas pela comunidade rural de Guamirim, Município de Irati, PR*. **Revista Ciências Exatas e Naturais**. v.4, n.1, p.1-7. 2002.
- LOPES, I. S.; SILVA, J.E.R.; MACHADO, I. A.; SILVA, C.E.M.R.; MARINHO, M. G.V.; RANGEL, J.A.F. *Levantamento de plantas medicinais utilizadas na cidade de Itapetim, Pernambuco, Brasil*. **Revista de Biologia e Farmácia**, v.7, n.1, p.115-121, 2012.
- MACIEL, M.A.M.; PINTO, A.A; VEIGA, V.F.J. *Plantas Medicinais: A necessidade de estudos multidisciplinares*. **Química nova**, v.25 n.3, p.429-438, 2002.
- MARINHO, M.L.; ALVES, M.S.; RODRIGUES, M.L.C.; ROTONDANO, T.E.F.; VIDAL, I.F.; SILVA, W.W.; ATHAYDE, A.C.R. *A utilização de plantas medicinais em medicina veterinária: um resgate do saber popular*. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v.9, n.3, p.64-69, 2007.
- MARTINS, E.R. et al. *Plantas Medicinais*. 3.ed. **Viçosa: Universidade Federal de Viçosa**. 220p., 2000.
- NOGUEIRA, M.J.C. *Recursos naturais nas práticas caseiras de cuidados à saúde*. **Revista da Escola de Enfermagem**, v.18, n.2, p.177-186, 2010.
- SCHUCH, L.F.D. **Plantas medicinais em atenção primária veterinária: Atividade antimicrobiana frente a bactérias relacionadas com mastites bovinas e a dermatófitos**. 2007. 206f. Tese (Doutorado em Ciências Veterinárias) – Faculdade de Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- SEVERIANO, M.V.N.; DANTAS, I.C.; SILVA, J.C.; FELISMINO, D.C. *Levantamento das plantas medicinais cultivadas no Centro de Estudo e Pesquisa Malaquias da Silva Amorim*. **Revista de Biologia e Farmácia**, v.4, n.1, p.93-101, 2010.
- SEVIGNANI, A.; JACOMASSI, E. *Levantamento de plantas medicinais e suas aplicações na vila rural “Serra dos Dourados” – Umuarama/PR*. **Arquivo de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v.7, n.1, p.27-31, 2003.
- TÔRRES, D.F.; OLIVEIRA, E.S.; ALVES, R.R.N.; VASCONCELLOS, A. *Etnobotânica e etnozootologia em unidades de conservação: uso da biodiversidade na Apa de Genipabu, Rio Grande do Norte, Brasil*. **Interciencia** v.34, n.3, p.623-629, 2009.
- YAMAGUCHI, M.H.; GARCIA, R.F. *Óleo de copaíba e suas propriedades medicinais: Revisão bibliográfica*. **Revista Saúde e Pesquisa**, v.5, n.1, p.137-146, 2012.